

Uma homenagem à história de São Paulo

Quem passa pelo Parque do Ibirapuera, ao lado da Assembleia Legislativa de São Paulo, não imagina que o enorme monumento de granito, com 12 metros de altura, 50 metros de extensão e 15 metros de largura que se espalha pela Praça Armando Salles de Oliveira, consumiu 33 anos de trabalho do escultor ítalo-brasileiro Victor Brecheret (1894-1955). Esse foi o tempo transcorrido da concepção do projeto até sua inauguração, em 25 de janeiro de 1953, dentro das festividades voltadas à comemoração no ano seguinte do IV Centenário da cidade de São Paulo.

A bem da verdade, o Monumento às Bandeiras, que se transformou em um dos maiores símbolos da Capital Paulista, já devia fazer parte da paisagem paulistana muitos anos antes. A escultura havia sido encomendada, em 1921, pelo Governo Paulista para celebrar em 1922 o Centenário da Independência do Brasil. Quem sugeriu as bandeiras como tema foi o escritor Menotti del Picchia. Era uma forma, segundo ele, de homenagear os bandeirantes de São Paulo que nos séculos 16 e 17 realizavam expedições exploratórias – chamadas de bandeiras – pelo interior do país em busca de riquezas.

A escolha do projeto ocorreu por meio de concurso internacional, vencido por Victor Brecheret. A maquete da obra chegou a ser apresentada em evento ao qual compareceu o então presi-

dente do Estado de São Paulo, Washington Luís. A iniciativa, porém, não vingou por falta de patrocínio, sendo retomada em 1936, quando Brecheret reapresentou o projeto ao Governo Paulista, então sob intervenção de Armando Salles de Oliveira durante o primeiro governo do presidente Getúlio Vargas. Foi o interventor federal quem decidiu colocar a escultura na entrada do Parque Ibirapuera, que ainda estava sendo projetado.

A cena, composta por 240 blocos de granito – cada um pesando 50 toneladas – traz 37 figuras que representam as diferentes etnias que formam a base do povo brasileiro. Além dos bandeirantes – portugueses brancos e seus descendentes –, vemos negros, mamelucos e índios, puxando e empurrando uma canoa utilizada nas expedições fluviais, conhecidas como monções. Posicionada no eixo sudeste-noroeste, sentido de entrada das bandeiras, a escultura traz ao redor de seu pedestal inscrições dos poetas Cassiano Ricardo e Guilherme de Almeida, e em sua face frontal um mapa do Brasil, desenhado por Affonso de E. Taunay, que mostra o percurso feito pelos bandeirantes pelo interior do país.

A ideia original era inaugurar o monumento na data dos 400 anos de fundação da cidade, ou seja, em 25 de janeiro de 1954, em conjunto com a abertura do Parque do Ibirapuera. Brecheret, porém, tendo concluído a escultura aos 58 anos de idade, preferiu adiantar a programação em um ano. Tal-



vez temeroso que a morte o apanhasse antes de ver a entrega de sua obra mais célebre à população paulistana, o escultor conseguiu adiantar o cronograma. Não precisava. Victor Brecheret presenciou as comemorações do IV Centenário, vindo a falecer em 17 de dezembro de 1955.

Victor Brecheret, um brasileiro que veio da Itália

Nascido na cidade italiana de Farnese, em 15 de dezembro de 1894, Victor Brecheret, nasceu, na verdade, Breheret. A letra “c” passou a compor seu nome quando o escultor, já com mais de 30 anos de idade, recorreu à Justiça para inscrever tardiamente seu registro de nascimento no Registro Civil do bairro paulistano do Jardim América, adotando como pátria o Brasil, onde desembarcou aos 10 anos de idade.

Considerado um dos escultores mais importantes do país, Brecheret estudou no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e na Europa, onde entrou em contato com as vanguardas que dominavam o ambiente artístico europeu no final do século 19 e início do 20. De volta ao Brasil, foi responsável pela introdução do estilo modernista na escultura nacional e participou, na companhia de intelectuais como Mário e Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Menotti del Picchia, entre outros, da Semana de Arte Moderna de 1922, que marcou fortemente o panorama cultural brasileiro.

A partir da década de 1920, manteve uma carreira artística entre Brasil, onde, em 1932, fundou a Sociedade Pró-Arte Moderna, e Europa, onde expôs no Salão dos Independentes de Paris. Em 1951 foi premiado como o melhor escultor nacional na primeira Bienal Internacional de São Paulo.

Além do Monumento às Bandeiras, Brecheret é autor de esculturas que marcam a história de São Paulo e das artes no Brasil. Dentre elas merecem destaque Graça, Sepultamento, Ídolo, A Musa Impassível, Fauno, O Índio e Sasupara e Depois do Banho.

Victor Brecheret faleceu em 17 de dezembro de 1955, em São Paulo.

Curiosidades

As 37 figuras que compõem o Monumento às Bandeiras são anônimas, com exceção da quarta, à direita da escultura, posicionada no bloco seguinte ao dos cavaleiros. Nela pode-se ler a seguinte inscrição em seu ombro direito: “Autor-retrato do escultor Victor Brecheret 02-10-1937”.

Um dos marcos da cidade de São Paulo, o Monumento às Bandeiras recebeu da população paulistana apelidos carinhosos, que marcam a apropriação da obra pelos munícipes, como “empurra-empurra”, “deixa que eu empurro” ou “não empurra”.

Pela cena, a única figura que se esforça para movimentar a canoa é a última, a despeito de tantas outras que supostamente a puxam. As figuras esculpidas à frente não estariam realmente movimentando a embarcação, como provam a frouxidão das correias atadas ao barco.



Eduardo Bajzek

Graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Mackenzie, trabalha há 10 anos como ilustrador de arquitetura e ministra cursos de desenho arquitetônico em São Paulo e outras cidades do Brasil. Juntou-se ao Urban Sketchers como correspondente internacional de São Paulo, em 2009. Desde então, tem dedicado parte do seu tempo às atividades ligadas ao grupo através da realização de eventos locais, workshops e palestras, além de trabalhos profissionais ligados ao tema. Participou dos simpósios internacionais em Lisboa, Santo Domingo e Barcelona. É cofundador e administrador do Urban Sketchers Brasil.